

WILLIAM MONTEVERDE

MEU FILHO,
ORGULHO DE TODOS

Esterzinha Monteverde

WILLIAM MONTEVERDE

**MEU FILHO,
ORGULHO DE TODOS**

Esterzinha Monteverde

Rio de Janeiro
2011

© Copyright 2011

Esterzinha Monteverde

Projeto gráfico: Heaven Brasil – Consultoria e Design

Impressão: Gráfica Pacheco

Especificações – Capa: Triplex 300g, 4/0 cores / Miolo: Couche Fosco
80g, 1/1 cores. Formato fechado: 14,0 x 21.0cm, 60 páginas

Prefácio

A luta de William Monteverde foi inmensurável, desde o seu nascimento, em 27 de dezembro de 1946, no quarto 47 da Casa de Saúde São José, no Rio de Janeiro. O Brasil daquela época era muito atrasado e as pessoas não tinham preparo para lidar com aqueles que, mesmo tendo QI elevado, como era o caso do William, eram dotados de algum problema físico ou mental.

A trajetória de William, construída por seus pais, foi de obstinação, de inclusão, de não discriminação. Toda a sua luta foi pautada no esforço de sua mãe - Esterzinha - que jamais esmoreceu e nunca o tratou como amblíope¹, como alguém que não poderia fazer qualquer coisa. O que ela buscava era que William, com o passar do tempo, sempre soubesse e conseguisse se resolver em qualquer situação. A frase que pronunciava com frequência era: VOCÊ SEMPRE PODE!

E partindo deste princípio, buscou fazer com que ele se tornasse um homem independente, que pudesse se deslocar, estudar, trabalhar e viver sua vida como qualquer outra pessoa de sua idade, pois sabia que a sua inteligência exigia maiores conhecimentos e que ele não era um ser inferior. Mas não foi fácil, sobretudo pela falta de preparo e interesse da sociedade em procurar perceber as necessidades e especificidades de cada pessoa. A ignorância e a falta de conhecimento são fato-



Retrato de William Monteverde quando ingressou na Universidade do Estado da Guanabara

1 É uma diminuição da acuidade visual (visão) uni ou bilateral, onde não se encontra lesão ocular ao exame oftalmológico e aparece em decorrência de obstáculos

res que impediam e impedem, ainda hoje, que pessoas com necessidades sensoriais especiais sejam tratadas como iguais e usufruam das mesmas oportunidades que as demais.

Para Esterzinha, que foi mãe aos 22 anos, sem experiência anterior e ninguém para ajudá-la, contar a história da vida de William Monteverde é imperioso sobretudo para servir de exemplo para aqueles pais que têm esta vivência: é preciso aceitar o que se tem nas mãos e sempre mostrar otimismo, fazendo sobressair o que seus filhos têm de melhor. É preciso aprimorar e humanizar as relações entre os seres humanos. William foi uma pessoa de sorte: sua mãe não o deixava ficar na tristeza e buscava proporcionar-lhe atividades que o fizessem feliz. Esterzinha alcançou seu objetivo: fazer de William uma pessoa mais que especial, um orgulho. Todavia, contar sua história em nossos encontros semanais foi um processo muitas vezes doloroso para Esterzinha, interrompido ora pela dor e pela saudade, ora por lembranças alegres do convívio e do aprendizado com seu filho. Aprendizado sim, porque William deu muitas lições de otimismo, perseverança e companheirismo à sua mãe, ao seu pai e irmãos e a todos que com ele conviveram. William criou seus filhos Diana e Roberto da mesma forma como foi criado, ensinando-os a serem pessoas independentes, corajosas e felizes.

CAPÍTULO I

A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Telma Lasmар
Museóloga

William tinha a capacidade de aprender rapidamente tudo que lhe era ensinado. Muito cedo aprendeu a usar o telefone – que naquela época era de disco – e ligava para seu pai no trabalho, para seu avô e para quem mais lhe conviesse. Havia em Copacabana, na Rua Santa Clara, o Salão Iracema, onde trabalhava o barbeiro apelidado de Zé Toureiro, muito requisitado pela clientela. William, quando tinha 6 anos e percebia que seus cabelos estavam grandes, não se apertava: telefonava e marcava hora no barbeiro para ele e os irmãos. Depois comunicava à mãe para que ela os levasse!

Aprendeu a nadar no mar de Copacabana, na cunha de sua mãe que lhe dizia: “Segure em mim, mas não me enforque se não afogaremos os dois!” Na praia era conhecido dos salva vidas, jogava vôlei e futebol, nadava e se divertia a valer, pois se integrava a todos com muita rapidez.

Muito amoroso e inteligente, William era o “chodó” do avô Joseph Levis. Desde criança apreciava frequentar confeitarias que tivessem música ao vivo. Aprendeu a tocar piano com o Prof. Marcelo aos 9 anos e violão aos 10 com o Prof. Rossi. Aos 6 anos, William sabia, pela frequência, que na Confeitaria Colombo de Copacabana havia músicos que tocavam piano e violino e quando estava muito cansado, convidava a todos para lanchar na confeitaria. O garçom, Sr. Gaspar, já o conhecia. Após o lanche – Milk shake com waffles – fazia com que

todos dessem uma volta na praia de Copacabana. Gostava de assistir as óperas do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde, aos 5 anos, foi ao Baile de Carnaval com seus pais. Por qualquer razão inexplicável, a única ópera que não gostava era Madame Butterfly.

Para que William pudesse escrever, Esterzinha foi sózinha a Nova York comprar, no Parkinson Institute, uma máquina braile que ele usou por muitos anos. Em certa ocasião a máquina enguiçou e não havia ninguém no Rio de Janeiro que soubesse consertá-la. Esterzinha não se deu por vencida e, num dia à noite, sentou-se no chão, desmontou a máquina toda, descobriu o defeito e a consertou.

Tempos mais tarde Esterzinha viu na vitrine de uma loja da Remington, representante oficial da fábrica americana no Brasil, situada na Rua 7 de setembro, no Centro da cidade, uma máquina de datilografia na cor cinza e com teclas verdes, uma novidade para a época. Entrou e disse ao vendedor que queria comprar uma máquina igual a da vitrine, ao que ele se desculpou dizendo que o estoque não havia chegado ainda e que só tinham aquela do mostruário. Esterzinha lhe explicou que a máquina seria para seu filho com problemas de visão e perguntou quanto queria por aquele exemplar. Muito contrariado, o vendedor lhe disse que custava 5 contos de réis. Esterzinha comprou a máquina e depois escreveu uma carta aos donos da loja elogiando e

agradecendo a presteza do vendedor. William tirou seu diploma de datilografia aos 8 anos, após o curso de 1 mês e 12 dias na Escola Remington, localizada na loja da marca.

Mas o preconceito e a discriminação eram grandes na época e os pais de William tiveram algumas experiências que caracterizam o despreparo e a ignorância de algumas autoridades. Quando ele tinha 5 anos sua tia Regina, irmã de Esterzinha que morava em Buenos Aires, conseguiu marcar uma consulta médica com Dr. Jorge Malbran, um dos maiores especialistas da época em doenças dos olhos e seus pais precisavam levá-lo até lá, pois o médico embarcaria para os Estados Unidos. Para obter o transporte de William no Consulado Argentino no Rio de Janeiro, seus pais passaram por alguns constrangimentos: não lhe concederam o visto sob a argumentação que, para entrar na Argentina, ele teria que ter uma autorização do Ministro do Exterior, porque pensavam que tinha Tracoma (doença visual transmissível) e temiam que ele contagiasse outras pessoas. Esterzinha não titubeou: embarcou no navio com o filho, mesmo sem ele ter obtido o visto argentino. No navio Uruguai Star, da companhia inglesa Blue Star Line, praticamente todos os passageiros a bordo eram ingleses e William fez amizade com eles. Naquela ocasião a polícia marítima da Argentina embarcava nos navios em Montevideu e avaliava o estado de saúde e os documentos dos passageiros. William já estava deitado quando um

médico veio à sua cabine e perguntou por ele, dizendo que queria saudá-lo, mas na realidade queria ver seu visto. Sua mãe argumentou que ele estava dormindo e que não iria acordá-lo e o médico foi embora. Pela manhã, por ocasião do desembarque, Esterzinha empunhava seu visto e segurava seu filho pela mão. Os policiais e o médico que havia ido na sua cabine na noite anterior disseram que ele não poderia desembarcar. Incomodado com a situação, um dos passageiros ingleses disse a Esterzinha: *You just go*. Ao que William lhe respondeu: *I can't*. Os ingleses, solidariamente, fizeram um círculo em torno de William e Esterzinha e não se apresentaram para desembarcar. Instalou-se a crise e a notícia chegou à terra. Em Buenos Aires subiu a bordo o médico chefe do serviço, contrariado com as atitudes adotadas até então, procurou pelo William, o pegou no colo, desceu com ele do navio e disse a Esterzinha: "Si todas las madres del mundo hiciesen lo que usted hizo, el mundo estaría salvo". A família de Esterzinha estava toda no cais aguardando por eles. Todos os passageiros que ficaram no navio acenaram e aplaudiram Esterzinha e William Monteverde. O médico chefe era colega de escola de seu cunhado Manoel e deu a William uma moeda novinha desejando que ele, após a consulta, pudesse vê-la. Dias mais tarde, Manoel Sofovich, importante escritor argentino e tio de William, escreveu um artigo no jornal que teve grande repercussão, questionando e criticando a conduta dos médicos argentinos.

Desde criança William protegia seus amigos e, principalmente, defendia os irmãos. Era chamado por sua mãe de “advogado dos pobres”. Quando David fazia alguma arte e sua mãe o colocava sentado na cadeira de balanço para “refletir”, William intervinha e negociava com a mãe a “liberdade” do irmão. David dizia que quando crescesse seria secretário do irmão! Em muitas ocasiões, quando seus irmãos e amigos faziam alguma bobagem, William era chamado pelo pai para mediar à reunião e seu papel era o de juiz de paz”. Ouvia as explicações e dava o seu “veredito” quanto aos castigos que deveriam ser aplicados, sempre tentando minimizar as punições que seriam imputadas.

Em certa ocasião, já adolescentes, os rapazes e seu amigo Francis foram com Bernardo e Esterzinha para São Lourenço, estação de águas de Minas Gerais. Paulo, David e Francis furtaram do hotel de brincadeira a chave do quarto! Sem saber de nada, os Monteverde voltaram para o Rio de Janeiro ao fim da temporada. Já em casa, Esterzinha recebeu uma carta do Sr. Garcia, dono do hotel, muito educada, mas dizendo que os jovens se enganaram e levaram pertences do hotel consigo. Ao tomar conhecimento do teor da carta, William disse-lhe: “Mamãe, acho que papai vai se aborrecer”. Ao ser notificado, Bernardo mandou chamar o Francis e disse aos filhos que se arrumassem porque teriam uma reunião importante. Os filhos já sabiam: quando o pai mandava que eles tomassem banho e se ar-

rumassem para conversarem, boa coisa não haviam feito! Bernardo leu a carta recebida, lhes passou uma descompostura e exigiu que os rapazes redigissem um pedido de desculpas e que devolvessem o que não lhes pertencia. No dia seguinte o pedido de desculpas, junto com o pacote contendo a chave do quarto, foi despachado no ônibus que seguia para São Lourenço. Esta solução pacífica e educada foi mediada por William, que segundo seus irmãos, era o “único santo” da casa.

William só estudou em duas escolas: uma pública e uma privada e não fez curso pré-vestibular para ingressar na universidade. Fez o Curso Primário na Escola Municipal Minas Gerais, localizada no bairro da Urca, após sua mãe ter recebido “não” em 8 escolas quando tentou matriculá-lo numa escola comum, justamente porque entendia que ele deveria ser tratado como as demais crianças. As escolas que recusaram matriculá-lo argumentavam que ele não seria capaz de acompanhar o desenvolvimento da turma e iria atrapalhá-los. A Diretora da Escola Municipal Minas Gerais, Prof^ª Izabel Carvalho Costa o aceitou como aluno e exigiu de todos que o tratassem como igual. Durante todo o curso Primário William foi acompanhado pela professora Nadir César Dias, que gostava tanto dele que esteve presente na sua formatura da Faculdade de Direito no Teatro Municipal.

Seu desempenho em nada deixava a desejar e sempre foi o melhor aluno da classe. William era estudioso e dedicado. Suas matérias preferidas eram matemática, história, geografia, inglês e espanhol. Em tempos de prova William estudava tanto passando seus dedos sobre as letras em braile que os meses chegavam a sangrar. Sua mãe então lhe fazia os curativos e lia para ele a matéria das provas. E suas notas sempre foram as melhores da turma.

Após terminar o Primário, William precisava mudar de escola. Sua mãe o matriculou no Ginásio Brasileiro de Almeida, dirigido pela Prof^a. Edília Coelho Garcia, para cursar a admissão e lá ele fez o Ginásio e o Clássico. E levou consigo o hábito de proteger e defender os amigos. Um dia seu amigo Erick fez uma arte e a D. Julia, professora muito austera, colocou-o de castigo. Erick tinha jogado o apagador para o alto e quebrou uma lâmpada. William resolveu interceder e sedutoramente disse à professora que ela ensinava muito bem, que seus alunos a adoravam e, após muita "lábria", intercedeu em favor de seu amigo, pedindo-lhe que lhe desse uma repreensão e o liberasse. D. Júlia não resistiu à tamanha sedução e atendeu ao seu pedido.

Na solenidade de formatura do Clássico de sua turma do Ginásio Brasileiro de Almeida, realizada no auditório do Ministério da Fazenda, a turma elegeu William paraninfo e ele, em seu discurso, ressaltou os aspectos positivos de cada professor, elogiou o

ensino recebido e por fim, dedicou sua formatura à sua mãe, dizendo: "E o que dizer da minha mãe? Tudo o que eu sou, devo à ela". Falou com tanta propriedade e emoção que foi ovacionado de pé pela plateia.

William compunha muitas músicas no chuveiro e as tocava em seu violão. Sua temática preferida era a cidade do Rio de Janeiro, que amava incondicionalmente, pois sentia a brisa e o movimento do mar, o cheiro da maresia e o calor do sol. Só cantava músicas alegres e em Petrópolis, em sua casa de veraneio, quando começava a cantar, um pássaro do tipo "azulão" pousava em seu ombro e cantava junto à ele. Em certa ocasião compôs uma música em homenagem ao Rio de Janeiro e ao mar. A TV Globo tomou conhecimento do caso e a repórter Sandra Passarinho foi entrevistar William em sua casa e trouxe um fotógrafo. Chegou às 17h30 e a conversa foi tão boa que Esterzinha convidou-os para jantar. A acolhida generosa fez com que os repórteres só saíssem de sua casa à meia noite! No dia seguinte, no Jornal Nacional, Cid Moreira mostrou a matéria e encerrou-a com a seguinte frase: "Inegavelmente, as músicas do William são muito otimistas". Após a matéria ser veiculada na televisão, William recebeu inúmeros telefonemas e muitas flores de amigos e parentes.

William gostava de assistir na TV Tupi o "Grande Teatro". E também de ouvir no rádio a novela "Jerônimo, o Herói do Sertão". Na hora da novela ninguém podia interromper ou entrar em seu quarto! Mesmo amblíope, conseguia perceber os vultos e o claro e escuro. Seus sentidos eram tão apurados que quando seus irmãos e amigos queriam comprar algum carro, o levavam para ouvir os barulhos do motor e muitas vezes ele detectava defeitos.

E todos que iam à sua casa ficavam impressionados com a sua independência e reconhecimento dos espaços e dos objetos. Lá havia uma vitrola holandesa, daquelas enormes, inseridas num móvel. William escolhia os discos, que já haviam sido identificados em braile e os colocava na vitrola sem nenhum problema, com a maior desenvoltura. Falava fluentemente inglês e espanhol e recebia diversas publicações do exterior em braile nestes dois idiomas.

William viajou muito de avião e de navio. Quando criança, ia de trem com a família para a casa de seus tios Anita e Samuel Malamud, em Teresópolis. Era uma viagem fantástica: a maria fumaça saía da estação da Leopoldina às 7h e chegava, resfolegando, na Várzea, às 11h! Esterzinha levava um lanche para comerem na viagem e William seguia atento aos sons e odores do caminho, sem deixar passar nenhuma observação. Com seus pais fez a viagem inaugural do Trem de Aço, que ligava o Rio de Janeiro a São Paulo.

Quando tinha 10 anos foram a Buenos Aires pela Pan Air. Enfrentaram uma grande tempestade e o avião balançava muito. William foi o único a perceber que o motor do lado direito do avião havia parado. Ficou nervoso e perguntou à sua mãe: "Se o avião cair, ele fica em pé ou deitado?" Esterzinha, para distraí-lo, começou a contar piadas. Bernardo ficou tenso: Mas numa hora destas e você está contando piadas, Esterzinha? Sem relaxar, William pediu ao pai que avisasse ao comandante que o motor havia parado, mas Bernardo, assustado, não levantou da cadeira e Esterzinha pediu à aeromoça para levá-la à cabine do comandante, apresentou-se e lhe disse que seu filho pediu para avisar sobre a parada do motor. Muito surpreso, o comandante mandou chamar William à cabine e lhe disse: "Meu amigo, sua mãe me trouxe seu recado. De que lado do avião você estava sentado?" William respondeu que estava sentado do lado esquerdo da aeronave. O comandante lhe explicou que na cabine havia uma série de lâmpadas que indicavam se havia ou não problemas em algum equipamento do avião e que a lâmpada correspondente àquele motor havia apagado e ele comunicou à torre de comando. William respondeu: "Ah!, Então eu não estava enganado e posso ganhar um chocolate!" E o comandante o levou para sua poltrona. No vôo havia muitos jovens recém casados e um rapaz perguntou a William o que ele havia ido fazer na cabine. A resposta que recebeu foi de que o comandante o havia convidado para conhecê-la.

Devido a um forte temporal e à falta de contato com a torre, o avião se perdeu, ficou voando por muito tempo e William perguntou para a aeromoça quando o avião iria pousar porque ele queria estar em terra firme. Duas horas depois a aeronave aterrisou em Assuncion, no Paraguai e o comandante veio até William para dizer onde estavam. O irmão de Esterzinha, Jaime, que morava em Buenos Aires, estava esperando-os no aeroporto e no Brasil diziam-lhe que o avião era dado como perdido. Sua esposa Carmen deixou os 3 filhos com sarampo em casa e foi para o aeroporto para juntar-se ao marido. Por fim o avião saiu de Assuncion e quando chegaram em Buenos Aires William desceu do avião no colo do comandante, que o levou direto para a alfândega. William estava muito pálido e Bernardo muito tenso. E William disse ao tio que não entendeu porque tanto escândalo por parte das pessoas, pois para ele tinha sido “uma aventura no ar”!

A falta da visão não era problema para William: foi à Bahia, Recife, Mato Grosso, Buenos Aires, Punta Del Leste, Montevideo, Disneylândia e muitos outros lugares. Fez tudo que seus outros irmãos fizeram: quando crianças seu pai lhe deu uma bola de futebol com um guiso dentro e William, Paulo e David jogam futebol sua casa de Petrópolis. Foi duas vezes ao Maracanã assistir ao jogo de seu time do coração – Flamengo – mas quando começou a violência no estádio, resolveu não ir mais.

Já rapaz, tinha um baralho comum com pontos em braile e jogava pôquer e biriba com os irmãos e amigos. Era um grande “blefador” e sempre ganhava as rodadas. Jogava damas no tabuleiro que seu pai lhe deu cujas pedras pretas eram quadradas e as brancas redondas. Também jogava xadrez: a única condição era que o adversário lhe narrasse seus passos e pelo tato William manobrava suas peças. Paulo lhe ensinou a jogar boliche de maneira à sempre derrubar o maior número possível de peças e William sabia quantas havia derrubado pelo barulho que elas faziam ao cair.

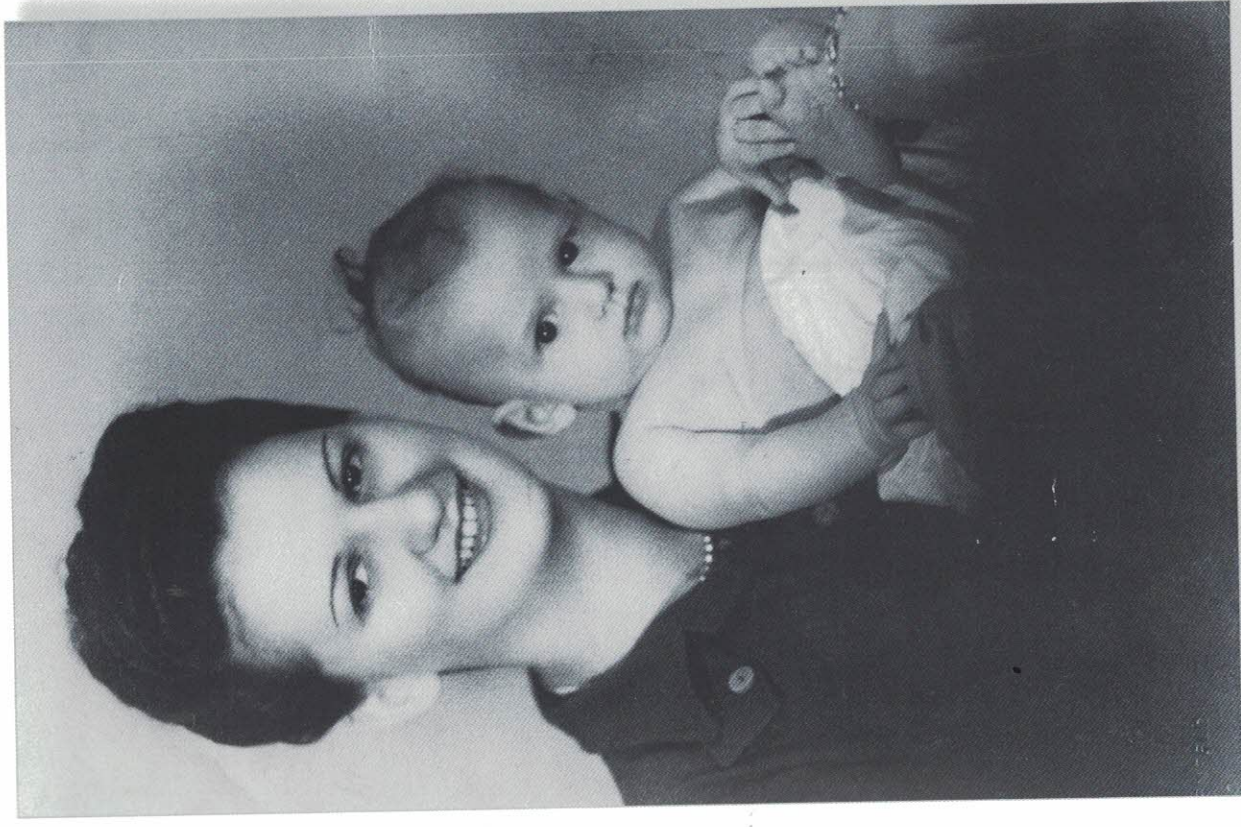
Aprendeu a dançar com a mãe e se tornou um exímio dançarino de tango, blues, valsa e foxx. Com seus amigos ia ao “Palhota” e dançava a noite inteira, a ponto do gerente da casa o denominar “O homem da noite”! Outro lugar que gostava de frequentar com os amigos era o restaurante Roda Viva, com pista de dança, que havia na estação de embarque do Bondinho do Pão de Açúcar. Ao chegar em casa, lá pelas 3 da madrugada, ia ao quarto de sua mãe, tocava em seu braço e dizia: “Cheguei. Tenho umas coisas para lhe contar!” Esterzinha levantava para ouvir as histórias divertidas de seu filho, que sempre fez da vida uma grande alegria e uma divertida piada.

William gostava de fazer exercícios físicos e quando eles moravam no apartamento na Rua Bolívar, havia uma grande cobertura e Esterzinha contratou

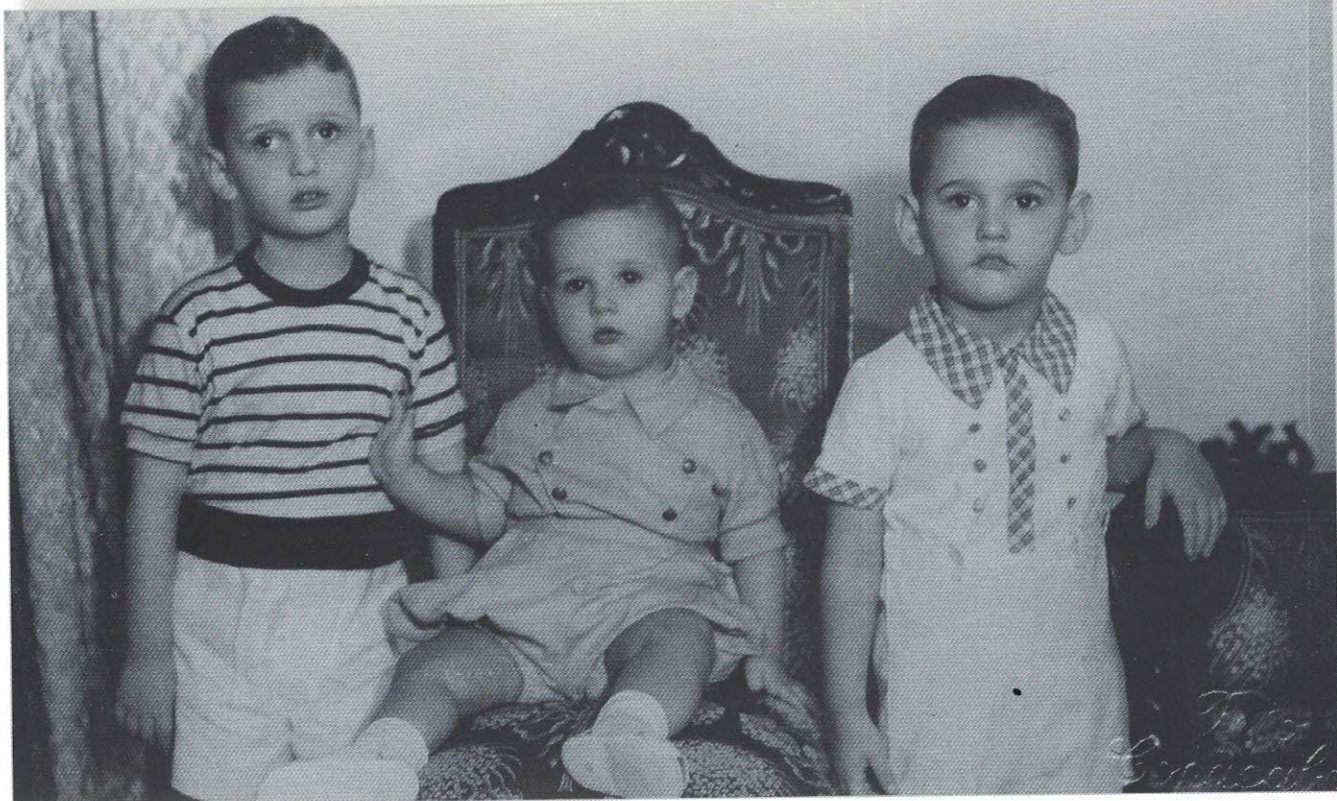
para William um professor de educação física que logo foi apelidado de “Manteiga”, porque vivia dizendo que estava “derretendo com o calor!” Três vezes por semana, à tarde, William pegava sua esteira de palhinha, estendia-a no chão para fazer os exercícios de solo. Pulava corda, corria, fazia todos os exercícios por uma hora. Após a saída de seu exausto instrutor, pegava a mangueira e molhava as jardineiras floridas, atividade que lhe dava imensa alegria.

Bernardo gostava de levar seu primogênito às reuniões de trabalho. Numa ocasião, William com 16, participou com seu pai numa reunião com três engenheiros da Monteverde, que apresentavam o projeto de uma casa. William ouvia atentamente, em silêncio. Após os técnicos terminarem, Bernardo perguntou-lhe: “Meu filho, você está de acordo?” A resposta foi objetiva: “A casa está bonita, as garagens são amplas, mas não escutei onde será colocada a caixa d’água e qual será a sua capacidade.” Envergonhados por terem cometido tamanha falha, os engenheiros se prontificaram a retificar o projeto!

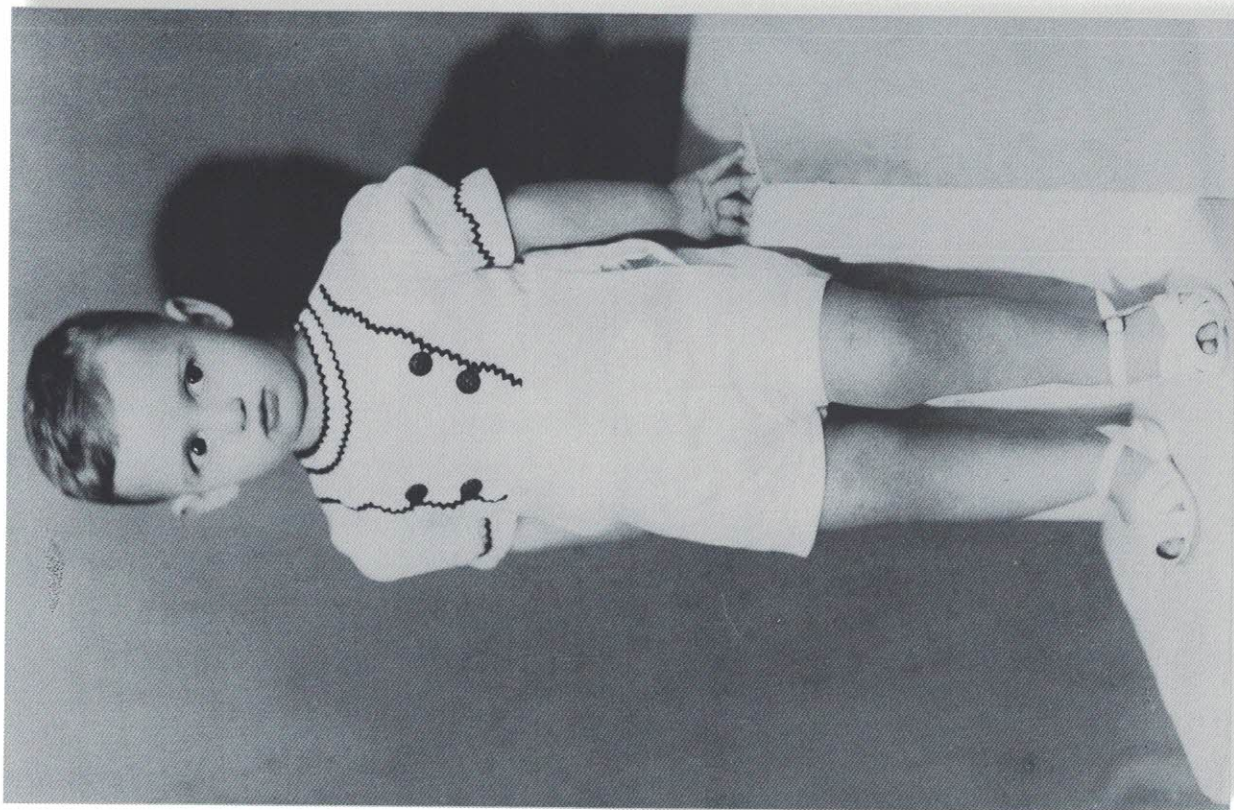
O jovem William tinha, ao lado de seus pais, irmãos e amigos, uma vida saudável e divertida.



Esterzinha e William Monteverde, com 3 meses de idade



William, Paulo e David Monteverde



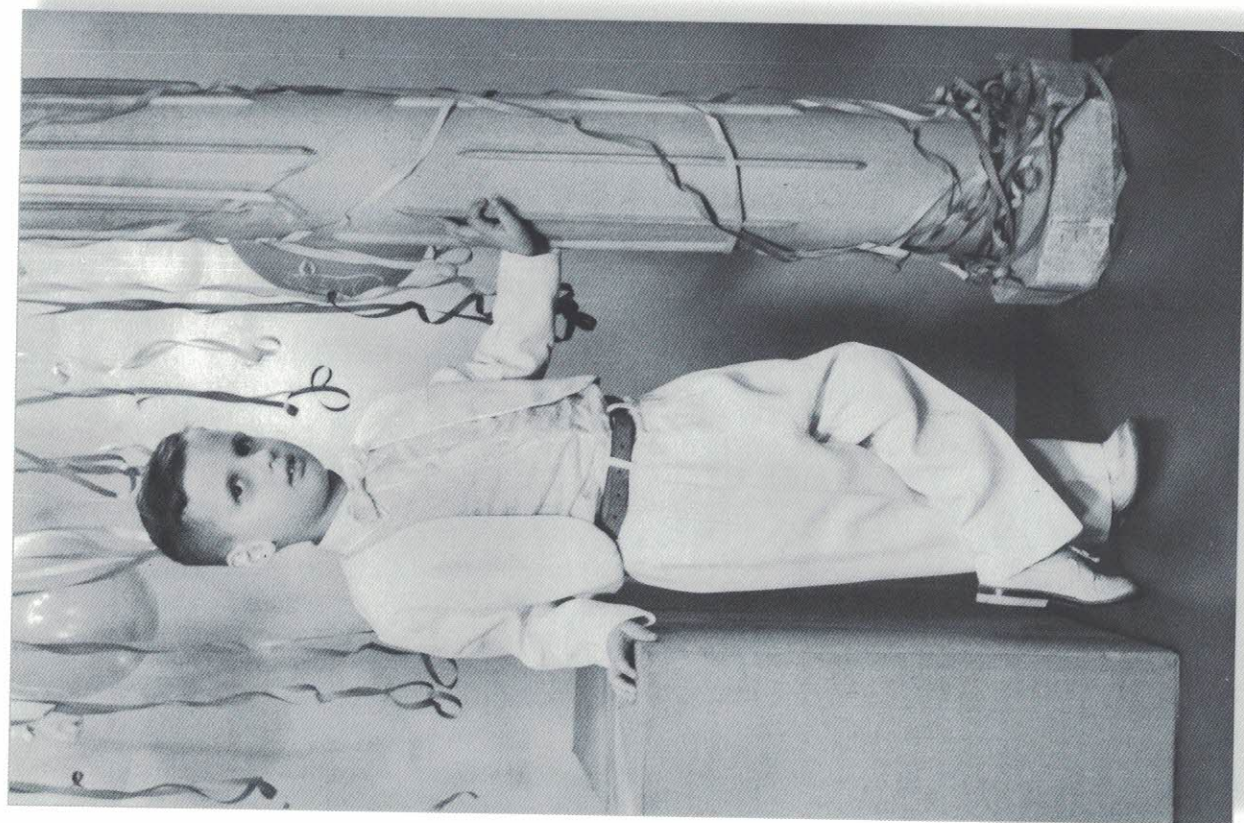
William aos 9 meses



Bernardo Monteverde com seus filhos William, Paulo e David



Joseph Levis com seus netos William, Paulo e David



William no Baile de Carnaval no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, aos 5 anos



William na Escola Municipal Minas Gerais, onde cursou o Primário

Quando William prestou vestibular, Bernardo foi viajar a trabalho. O vestibular de Direito da antiga Universidade do Estado da Guanabara era muito concorrido: 1018 candidatos para 300 vagas e os exames eram feitos no Instituto de Educação. Esterzinha acompanhou seu filho, levando suas duas máquinas - a de Braille e a de datilografia - que pesavam cerca de 9 quilos.

A fila estava enorme e um rapaz que lá estava falou em voz alta que Esterzinha não poderia entrar na escola acompanhando William. Na porta do Instituto de Educação estava o Dr. Nicanor, diretor da UEG, homem justo e de autoridade inquestionável, que perguntou ao rapaz se havia ouvido bem. Ao dizer que sim, que havia dito aquilo mesmo, o jovem foi imediatamente enviado para o fim da fila, pela sua insolência e falta de educação.

Esterzinha acomodou seu filho numa sala sozinho, porque as questões teriam que ser ditadas para ele por um professor. William anotava em braile e depois datilografava na sua máquina Remington. Com sede, pediu um copo d'água, bebeu a metade e o colocou sobre a mesa. Quando respondia as questões da prova de inglês, esbarrou no copo e derrubou o restante da água. A secretária designada para vistoriar sua prova disse: "Não sei por que um cego quer ser advogado se pode fazer colchões". Ao ir pegá-lo ao término da prova, Esterzinha, que o aguardava no jardim, viu que ele estava nervoso e irritado, mas não disse nada

CAPÍTULO II

A UNIVERSIDADE

naquela hora, só alguns dias depois. Pelas normas da época, quem atingisse a nota máxima nas provas não precisaria fazer a prova de latim, o que não seria problema para William por que ele sabia muito bem esta língua.

Passados alguns dias da prova o telefone tocou em sua casa às 23h e o Dr. Nicanor mandou chamar o “Dr. William Monteverde”. Disse-lhe que havia sido o primeiro colocado num universo de 280 candidatos aprovados. No dia seguinte Esterzinha mandou um telegrama para Bernardo com os seguintes dizeres: “Filho aprovado: Dr. William Monteverde”. Em Poços de Caldas, onde estava a trabalhar, Bernardo comprou uma jarrinha de cristal vermelho - cor do Direito - para seu filho William colocar em sua futura mesa de trabalho.

Esterzinha e William foram fazer a matrícula: ele era o mais novo da turma e recebeu o número 39. Na ocasião Esterzinha contou para o Dr. Nicanor o ocorrido e a secretária que destratou William levou uma suspensão de 4 meses. Durante os 5 anos do Curso de Direito William tirou 10 em todas as provas. Naquela época eram realizadas 2 provas por ano: em julho e em dezembro e ele as fazia em sala separada porque os professores tinham que ler as perguntas e os colegas não podiam ouvi-las.

Certa vez os alunos da UEG resolveram fazer uma greve! William chegou à universidade como fazia todos os

dias, carregando suas máquinas - a de datilografia e a de braile. Passou pelos estudantes e se dirigiu à sua sala de aula. Lá chegando, teve “aula particular” do Prof. Paulino Jacques, porque seus colegas permaneceram no pátio e William disse ao professor que estava ali para aprender e que, portanto, assistiria a aula. Passado o tempo, por volta das 10h30, o Dr. Nicanor telefonou a Esterzinha para que viesse buscar William, pois não haveria outras aulas naquele dia. Quando William desceu os colegas fizeram um corredor, cantaram o Hino Nacional e o levaram até a porta do carro. Ninguém manifestou qualquer tipo de hostilidade por ele ter entrado em sala de aula, pois seus amigos sabiam que William prezava a harmonia e o respeito entre todos.

A prova para obter a carteira profissional da Ordem dos Advogados do Brasil foi primeiro oral e depois escrita. William escreveu a resposta da prova oral em sua máquina braile e a leu em voz alta para a mesa avaliadora. Respondeu tão bem, sem hesitar, que foi cumprimentado pelo presidente da mesa. O Prof. Dr. Roberto Lira, diretor da UEG, se emocionou e chorou. No dia em que a OAB lhe entregou a carteira estavam presentes à solenidade Bernardo e Esterzinha Monteverde, irmãos e amigos. Pela primeira vez na história da OAB a entrega das carteiras começou pelo final, pela letra “W” em deferência ao William pela sua brilhante trajetória na universidade. Sua carteira da OAB recebeu o número 17.940.

Após a solenidade de formatura da Faculdade de Direito, realizada no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, William entregou seu diploma à sua mãe e lhe disse: “Eu esperei terminar o Primário, o Clássico e a Faculdade para dizer que não sou um vencido. Sou um vencedor e este diploma também é meu.”

William Monteverde deixou um rastro de bom caminhar, de exemplo e fez, por toda a sua vida, uma legião de amigos. Seus amigos de escola ficavam as tardes com ele. Francis Resende e Patrício Galdeano eram os amigos que frequentavam sua casa às quartas-feiras e nestes dias ficavam para jantar. Depois, preparavam a programação de fim de semana!

William conseguia congregiar muita gente ao seu redor e muitos de seus professores se tornaram amigos da família. O Dr. Célio Borja e sua esposa, Dra. Regina Gondin, professora de Direito Civil, frequentavam o apartamento dos Monteverde para conversar e passar momentos agradáveis com o aluno dedicado. Oscar Dias Correia, importante professor, foi em sua casa numa quarta-feira à noite para explicar-lhe alguns artigos da legislação, porque William era o único aluno da turma que questionava, que levantava discussões. A aula foi tão produtiva que o professor só foi embora às 23h. O professor de Introdução à Ciência do Direito, Paulino Jacques, disse-lhe, em certa ocasião, que William era um aluno que não dava trabalho. Recomendou que reunisse um grupo de colegas para irem à sua casa no dia seguinte à noite que ele faria

uma palestra para eles. Os amigos estavam todos lá e se sentaram pelas poltronas e pelo chão. Esterzinha deixou uma mesa montada com salgadinhos e doces. O Prof. Paulino Jacques começou a falar às 20h30. À meia noite Paulo e David foram levá-lo em casa, na Rua Joaquim Nabuco. Os colegas ficaram gratos com a oportunidade e William fez uma carta para o professor agradecendo-lhe o desprendimento e a generosidade.

Aos sábados o Prof. Roberto Lira convidava os melhores alunos do Curso de Direito para assistir aula em sua casa, na Avenida Beira Mar. Com sua cabeça branca e olhos azuis, irradiava simpatia. Ele era um nacionalista e dizia sempre que os presos deveriam ter atividades que retornassem em benefícios à sociedade. Esterzinha sempre acompanhava seu filho às aulas do professor Roberto Lira e usufruía de seus ensinamentos.

William se formou em Direito pela Universidade do Estado da Guanabara aos 22 anos. Especializou-se na área Cível e seu escritório era na Praça Floriano, 19, primeiro andar. Como era muito aplicado e conhecia muitos ramos do Direito, atuava como consultor na área Trabalhista para a Monteverde Engenharia. Em inúmeras ocasiões seu pai, Bernardo, o levava nas reuniões com clientes para negociar, pois sua conversa era consistente, fluente e, sobretudo, convincente.

Desde pequeno William e sua mãe tinham códigos entre si que dispensavam comentários e explicações. Como exemplo, os sinais que instituíram para atravessar as ruas: um toque em sua mão, de braços dados com a mãe, era o sinal que haviam chegado na esquina e era hora de descer da calçada para atravessar a rua. Certa vez o menino William perguntou-lhe: Você me ajuda tanto, como Deus ajuda você? Ternamente Esterzinha respondeu-lhe: Sabe qual foi a recompensa que Deus me deu? VOCÊ!

Criado pela sua mãe para ser uma pessoa autônoma, William não se comportava de maneira dependente e buscava dar soluções práticas para o seu dia a dia. Para tomar sua medicação diária, por exemplo, adquiriu uma caixa de remédios com os dias da semana em braile e assim, não dependia de ninguém para lhe dar os comprimidos que necessitava. Somente a cerca de três anos o Ministério da Saúde determinou que todas as caixas de remédios tivessem informações em braile.

William era uma pessoa feliz e que gostava de muitas coisas: viajar, passear, ouvir música, tocar violão, estar com a família, os amigos. Em 20 de junho de 1976 casou-se com Délia Toledo, com quem teve seus filhos Diana e Roberto. Com a mesma obstinação que foi criado, educou seus filhos, tornando-os adultos confiantes e seguros: Diana, médica e Roberto, advogado. Sempre lhes fez acreditar que seriam capazes de fazer e conseguir o que quisessem, dizendo-



O Reitor da UEG fez a entrega do diploma a William Monteverde



Solenidade de formatura de William Monteverde, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro



A Família Monteverde na escadaria do Theatro Municipal por ocasião da formatura de William



William cercado pelos professores da UEG e seu pai Bernardo Monteverde

lhes, quando as dificuldades eram grandes, como por exemplo o vestibular: Eu posso, eu consegui. Você também consegue!

William adorava Buenos Aires, onde seus tios Regina, Jaime e Carmen moravam com os filhos. Comia churros calientes com uma taça de chocolate e conhecia todas as confeitarias de Buenos Aires. Gostava do Palácio de las Papas Fritas e comia muito bem, mas somente nas horas certas. Em certa ocasião, estando muito contente, abraçou o obelisco de Buenos Aires!

Amante da natureza como seu pai Bernardo, William gostava de passear no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Apreciava o aroma das flores e era capaz de identificar as espécies. Inspirado em William, o então diretor Prof. Vanderblit construiu nas dependências do parque o Jardim Sensorial e deu a William um botton da instituição que lhe franqueava o livre acesso ao jardim.

Desde criança apreciava viajar de navio. A família Monteverde viajou durante 10 anos com o Comandante Piero Garoni, no navio Eugenio Costa. A última viagem de William foi no período de 27 de dezembro de 2009 a 4 de janeiro de 2010, no navio Costa Mágica. No dia de seu aniversário, 27 de dezembro, reunido com toda a sua família, lhe foi oferecida uma torta italiana sacrapantina e o Comandante e toda a sua equipe participou dos parabéns a William. Na ocasião o Comandante lhe deu uma caneta com a

CAPÍTULO III

UM AMOR INCONDICIONAL

logomarca do navio e lhe disse: “Que você continue fazendo viagens comigo e assine os cartões postais para mim nas festividades, como sempre fez”.

Um de seus últimos passeios no Rio de Janeiro com a mãe foi ao Museu do Telefone, no bairro do Flamengo. Foi uma grande experiência sensorial: foi-lhe permitido tocar em todas as peças do acervo, inclusive nas antigas mesas de telefonistas, com todos aqueles cabos para fazer as ligações. William desfrutou de todas as sensações e experiências mais remotas até as mais modernas da telefonia.

Em todos os seus aniversários às 6:30h o primeiro telefonema que Esterzinha recebia era de seu filho William, que invariavelmente lhe saudava: “Queria lhe cumprimentar pelo dia de hoje e agradecer a sorte que tive em ter uma mãe como você.”

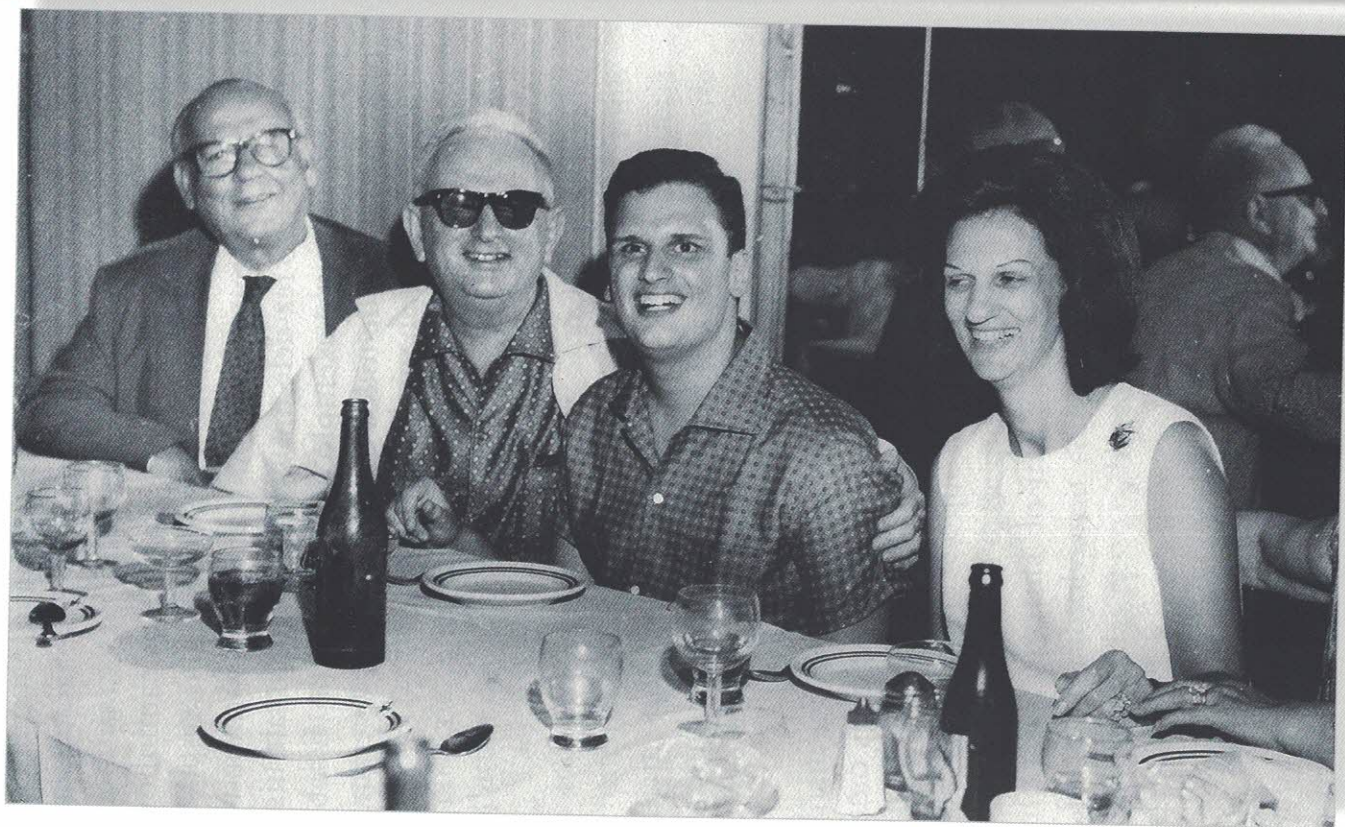
William sempre se preocupou com todos à sua volta, mesmo após a sua morte, ocorrida em 15 de abril de 2010. A ponto de, em sua mensagem post mortem enviada para sua mãe e que foi psicografada em outubro de 2010, William disse que David estava sofrendo muito com a partida do irmão-amigo. Era uma pessoa justa, que absolvía ou condenava, apontando os erros e acertos das pessoas, buscando sempre ajudá-las e orientá-las.

Em poucas palavras, esta biografia fala de uma vida de superações, tanto dele próprio como de sua mãe. Conforme William ia crescendo, surgiam os obstáculos

los. Por muitas vezes Esterzinha sentava-se num banco da Avenida Atlântica, esquina com Rua Santa Clara, e pedia a Deus forças e que Ele iluminasse sua mente para que ela enxergasse as respostas e os caminhos a trilhar. E após, muito refletir, saía com as respostas que Deus lhe enviava. Criou seu filho, o formou brilhantemente e fez dele um homem de bem, altruísta, pai exemplar, cujo exemplo deve ser seguido. E sobretudo, o orgulho de todos que com ele conviveram.



William Monteverde adolescente



Avô, pai, William e mãe



Esterzinha e William no terraço de sua casa na Rua Bolívar



William e uma "onça", numa viagem que fez com seu pai à Cuiabá



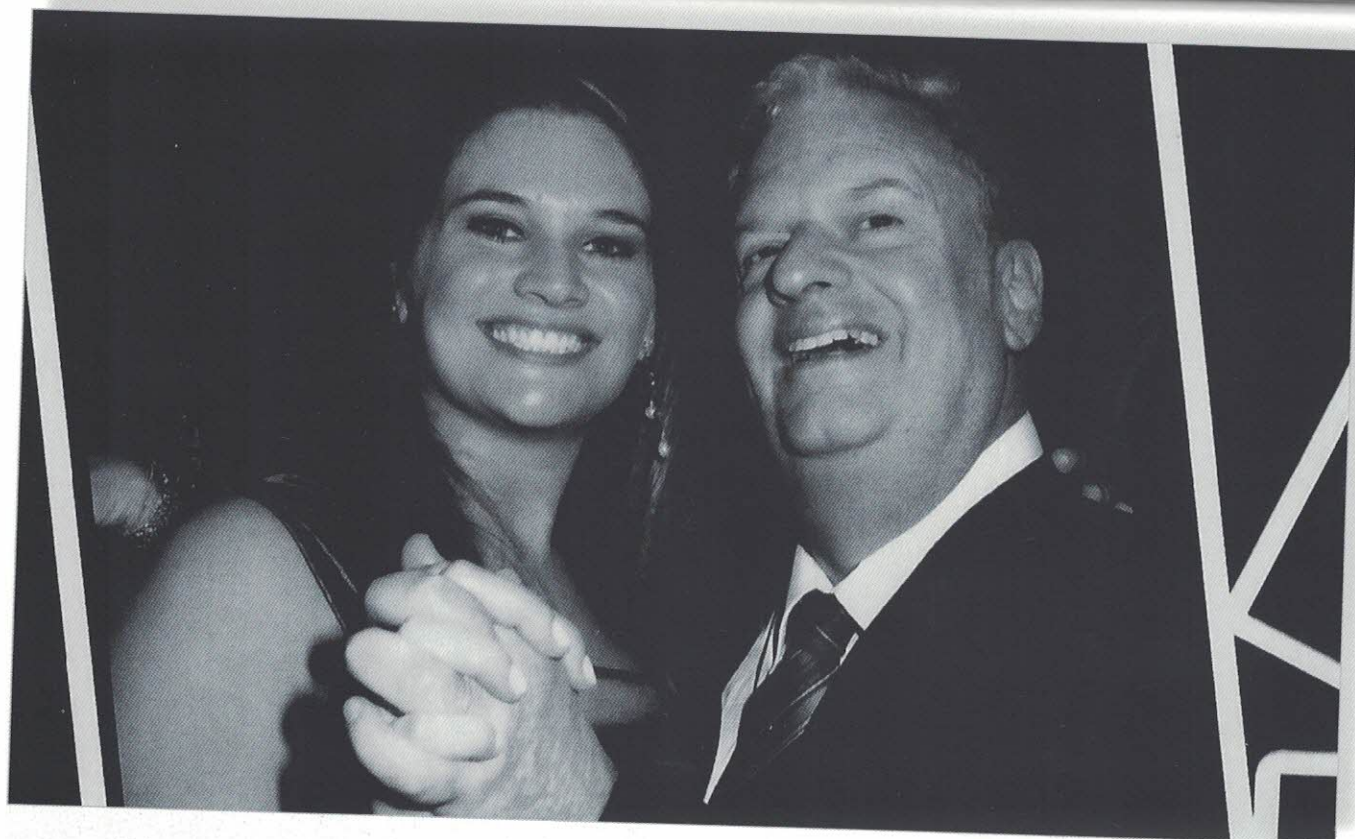
David, William, Paulo e Esterzinha Monteverde no navio Eugenio Costa



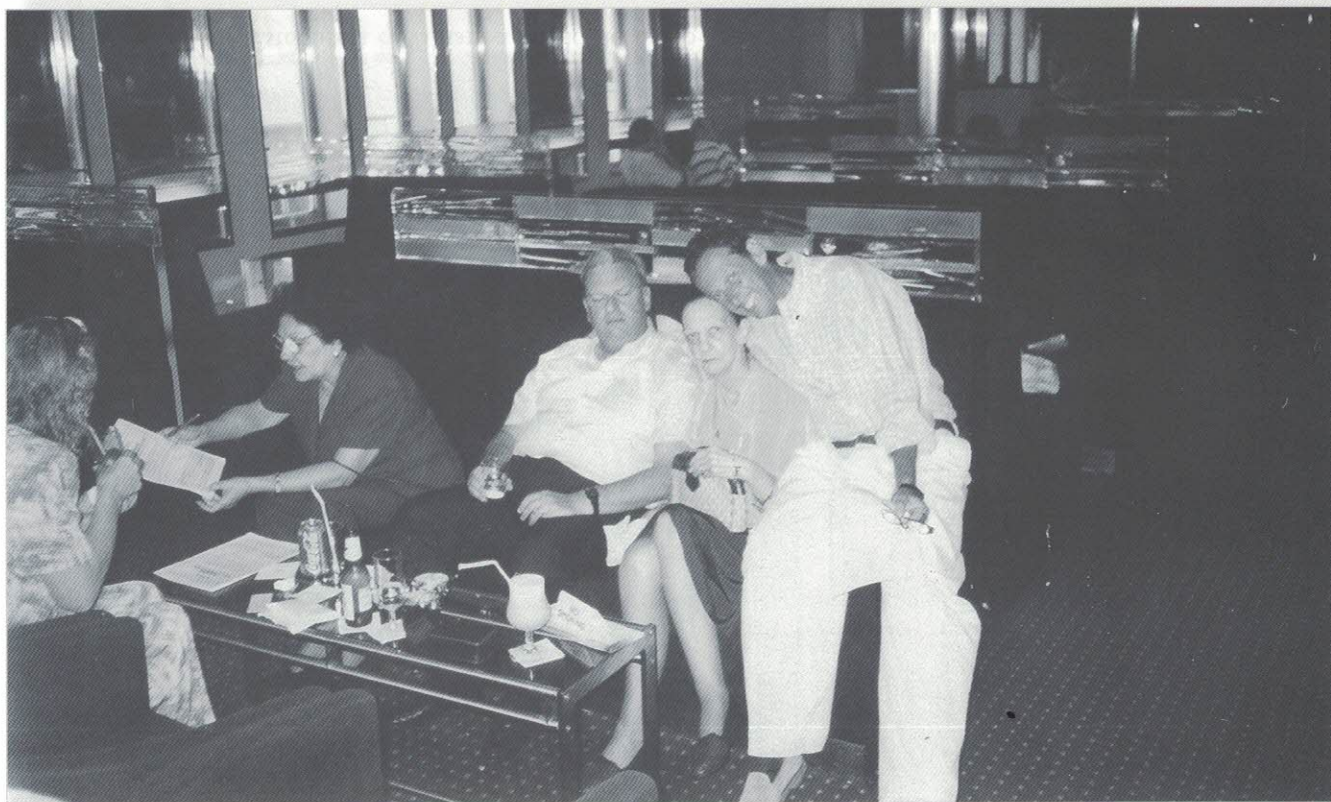
Paulo, William, Esterzinha e David no reveillon de 2000 no navio Eugenio Costa



Roberto e William por ocasião da sua formatura em Direito pela UNIFESO, em Teresópolis, em 2009



Diana e seu pai no dia da sua formatura em Medicina pela UNIFESO, em Teresópolis, em 2009



William, Esterzinha e David a bordo do navio Costa Mágica, em janeiro de 2010



William Monte Verde em seu aniversário, em 27 de dezembro de 2009



William Monteverde em sua última viagem de navio, em 2010



Esterzinha e William a bordo do navio Costa Mágica, em janeiro de 2010



William Monteverde, Janeiro de 2010

MENSAGEM FINAL

O desejo de escrever este pequeno livro contando um pouco da vida de um grande homem, tem por objetivo transmitir uma mensagem aos pais, avós, irmãos e responsáveis por crianças que nascem, ou adquirirem, alguma deficiência de visão, locomoção, audição ou mental que as tornam diferentes das demais crianças.

É preciso que os pais ou os responsáveis e, sobretudo, os educadores, percebam que a criança se amolda ao adulto que a orienta, que se adapta ao seu meio, desde que lhes sejam dadas condições para tal.

Vemos muitas crianças que são afastadas do convívio social, colocadas numa redoma, impedidas de desfrutar de atividades que lhes seriam saudáveis sob diversos aspectos. Isto se deve ao fato de que os adultos as superprotegem, temendo que elas se machuquem, que sejam motivo de chacota, que não saibam se situar no mundo.

Mas este é um grande erro. A criança deve ser integrada ao meio em que vive, conviver com outras crianças que não tenham as suas limitações físicas ou mentais. Porque as crianças são solidárias, colaboram umas com as outras e a convivência saudável as faz adquirir confiança em si próprias. William tinha inúmeros amigos nas escolas por onde passou, na universidade, no clube e na praia e jamais

foi discriminado. Muito pelo contrário: jogava bola, cantava, dançava, ouvia música e tocava seus instrumentos; estudava, ensinava, aprendia com as pessoas à sua volta. Namorou, casou, foi pai e criou seus filhos com a mesma segurança que foi criado.

Porque é em casa, no lar, que a criança deve ser preparada para o mundo, para se sentir segura para superar a ignorância da sociedade na qual viverá. Sendo criada de forma a que adquira segurança e autonomia, serão como meu filho William Monteverde: um homem válido para sua família, para a sociedade e, principalmente, para ele próprio.

VOCÊ SEMPRE PODE!!!

Esterzinha Monteverde

CONTATOS

ACERVO DE WILLIAM MONTEVERDE

Rua Evaristo da Veiga 55, sala 505
CEP 20.031-040 | Rio de Janeiro - RJ
Telefone: (21) 2240-4747

De segunda a sexta-feira, das 8h às 11h e das 13h às 17h
Entrada franca

ESPAÇO DE MEMÓRIA BERNARDO MONTEVERDE

Rua Evaristo da Veiga 55, 5º andar
CEP 20.031-040 | Rio de Janeiro - RJ
Telefone: (21) 2533-2000

De segunda a sexta-feira, das 8h às 11h e das 13h às 17h
Entrada Franca

CENTRO CULTURAL BERNARDO MONTEVERDE

Av. Oliveira Botelho, 210, Sobreloja

CEP 25.951-970 | Teresópolis - RJ

Telefone: (21) 2642-6682

De segunda a sexta-feira, das 8h às 19h,
e sábados, das 10h às 16h
Entrada franca